

1983, o ano em que o Brasil faliu

Humilhado em suas pretensões, esmagado pela burocracia e pelo desgoverno, acabrunhado diante de uma dívida externa literalmente apavorante, cada vez mais apreensivo diante do desemprego, da recessão e de um futuro incerto, o povo brasileiro chegou ao fim de 1983 curvado sob o peso de uma angustiante derrota: os sonhos dourados da década de 70 já viraram fumaça, ninguém mais acredita na miragem da grandeza, as grandes obras estão paralisadas, a indústria sobrevive com enorme sacrifício, a classe média reduziu-se quase à metade do que chegara a ser e os pobres tornaram-se miseráveis. O Brasil mudou muito nos últimos três anos, alguns chegam a afirmar que regrediu, e ninguém sabe quanto tempo demorará para que o País volte a ser o que era antes.

Um "brasiliense" — Riordan Roett, da John Hopkins University — apresentou na Comissão de Relações Exteriores do Senado norte-americano um diagnóstico dramático sobre a situação brasileira, que para ele já representa um problema de "segurança nacional" para os Estados Unidos. "Os fatos são claros", diz ele. "O Brasil está falido em termos financeiros. Ele está entrando rapidamente na maior crise social deste século".

De fato, nos últimos três anos, quando a palavra crise — sufocada e praticamente proibida ao longo do autoritário governo Geisel — passou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros, a classe média empobreceu, centenas de milhares de pais de família perderam seus empregos, o mercado de consumo retraiu-se, com reflexos inevitáveis na indústria e no comércio, a Educação e a Saúde foram fatalmente prejudicadas, a tecnologia nacional deixou de avançar e o País praticamente parou. No meio de tal catástrofe, sobreviver é o que importa, parecem dizer líderes e empresários que já não pensam em crescer, mas em manter-se vivos.

Em 1983 o brasileiro médio consumiu menos calorias diariamente do que em 1975, quando se calculava que apenas 32,8% da população ingeria uma dieta de subsistência. Nordestinos flagelados pela seca alimentam-se de ratos e lagartos, milhares de famílias abrigam-se, nas grandes cidades, debaixo de viadutos, a criminalidade aumentou, agricultores invadem terras. A desnutrição e a fome — que, relacionada com outras doenças, mata uma criança brasileira a cada 20 minutos — tornou-se dramática em muitas regiões do País. De cada mil crianças que nascem vivas, 82 morrem antes de atingir o primeiro ano de vida. No Nordeste, este índice sobe para 250 mortes para mil crianças nascidas vivas.

E a fome: dois terços da população brasileira — 80 milhões de pessoas — consomem diariamente menos do que as 2.480 calorias que a FAO — Food and Agriculture Organization — considera o mínimo indispensável para a manutenção saudável da vida. Jamais a indústria de alimentação operou em tão baixos níveis — já não se corta o consumo de superfluos, mas do essencial. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp, calcula que o índice de emprego regrediu aos níveis do início dos anos 70. Descapitalizada e sem poder se manter tecnologicamente competitiva, a indústria estacionou e, em alguns casos, até regrediu. Serão necessários anos para que se recupere.

O ano de 1983 foi desastroso para o setor de bens de capital seguno o presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (Abdib), Roberto Caiuby, para quem o setor chegou "ao fundo do poço" com a queda de 23% no nível de atividade, 33 mil desempregados e 70% de ociosidade. "Esses dados confirmam o estado de desgraça em que nossa economia se encontra desde 1980", disse Caiuby, desanimado, ao fazer um balanço do ano.

Para o comércio, 1983 foi sem dúvida o mais crítico dos anos, de acordo com o empresário Abram Szajman, da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, que prevê para este ano um período ainda mais recessivo que o anterior. Iludem-se, portanto, aqueles que imaginam impossível 1984 ser pior que 1983: quase tudo indica que será. O PIB não deverá crescer, mantendo-se no mesmo nível do registrado em 1983, o terceiro ano consecutivo de aguda recessão.

De acordo com as primeiras estimativas, o Brasil deve ter tido um crescimento negativo de pelo menos 3% em 1983, e será esta a taxa a ser divulgada, se as autoridades não manipularem os índices ou os cálculos não revelarem hipóteses ainda mais pessimistas.

As receitas fiscais caíram mais de 17% em julho, quando comparadas com igual mês de 1982, e o governo, desesperado, criou desde então mais impostos, esmagando ainda mais a pobre população do País.

O ano de 1983 foi também aquele em que os dirigentes brasileiros caíram no maior desígnio de toda a sua história, sufocados por uma sucessão de erros e escândalos. Sinais de corrupção, negociatas, acusações recíprocas, denúncias em que não faltaram os habituais ingredientes das histórias policiais: grandes viagens, negócios fantásticos e secretos, mulheres, orgias e até assassinatos.

Diante deste quadro, não é de se espantar que até mesmo um dos grandes traços dos brasileiros — a esperança — ande tão em baixa nos últimos tempos. "Trabalho no Brasil há 60 anos a esta é a pri-

meira vez que me sinto dominado pelo pessimismo", escreveu na revista Manchete o habitualmente alegre e bonachão Adolpho Bloch, que sempre publicou revistas transbordantes de cores, beleza e otimismo. Ouvidos pelos repórteres de O Estado de S. Paulo nas principais cidades brasileiras, 823 entrevistados manifestaram sua perplexidade diante desta crise que a maioria admite ser a maior que já puderam conhecer.

Os sentimentos dessas pessoas — pais de família, estudantes, políticos, intelectuais, funcionários públicos, empresários, militares e trabalhadores rurais — vão do medo à revolta, passando pela desesperança e a tristeza. Só 34% deles afirmam ter esperança no futuro, enquanto 38% admitem abertamente estarem "revoltados" com o que acontece. Só 2% se sentem "seguros", apenas 3% afirmam ter "alegria" e não mais de 3% estão conformados com a situação. O brasileiro deixou de ser conformista, ou pelo menos já não se considera assim. As entrevistas, quase mil, revelam que a necessidade de uma mudança é imediata.

Há — como sempre existiu — quem aposte numa convulsão social avassaladora, mas, como destaca o jornalista norte-americano Warren Hoge, ex-correspondente do jornal New York Times no Brasil, "uma rebelião popular é improvável, apesar da previsível deterioração da qualidade de vida dos milhões de pobres brasileiros. As condições em que vive hoje a maioria do povo brasileiro vêm

produzindo revoluções em outros países, mas não aqui". Numa reportagem para o seu jornal, Hoge escreveu que o "declínio", a "decadência" realmente chegaram e o choque, para quem sofre com isso, é maior no Brasil do que em outros países sul-americanos, na medida em que naqueles outros países não foram alimentados os sonhos de grandeza que inebriaram boa parte dos brasileiros nos anos 70, na euforia enganadora do período Médici, quando o País ganhou a Copa do Mundo e se construíram obras tão suntuosas e impressionantes quanto a Transamazônica e a ponde Rio-Niterói.

A Transamazônica — única rodovia que os astronautas poderiam ver do espaço, tão grandiosa seria — é hoje uma esburacada "picada" no meio da selva. O Projeto Jari — outro legендário projeto amazônico, financiado por um excêntrico milionário norte-americano — também faliu, enquanto todas as grandes obras — Itaipu, a maior hidrelétrica do mundo, a Ferrovia do Aço, o Programa Nuclear — foram paralisadas ou desaceleradas. Com a inflação real superando os 200%, e as autoridades monetárias já anunciando cédulas de até Cr\$ 50 mil, já que o cruzeiro não vale quase nada, os mais velhos se espantam quando recordam os velhos tempos, nem tão distantes, em que a moeda oficial do País ainda era o "rei", substituída sucessivamente pelo cruzeiro, o cruzeiro novo e novamente o cruzeiro.

Se, até recentemente, ainda se perguntava, pelos quatro cantos do País, de quem seria a culpa por tantos descalabros, hoje poucos se fazem esta pergunta: a maioria já dá, de pronto, uma única resposta. Como afirma o comentarista Mauro Chaves, de O Estado de S. Paulo, condensando a opinião de centenas de milhares de pessoas: "Isso foi no que resultou duas décadas de tutela imposta à sociedade brasileira, durante as quais impediu-se que esta decidisse sobre seu próprio destino, escolhendo livremente seus governantes. Essa tutela não deu certo. E é impossível sequer imaginar que o povo teria errado tanto numa escolha, como têm errado os que escolhem em seu nome".

Das 823 pessoas ouvidas por o Estado de S. Paulo em quase todo o País, apenas 3% consideram "normal" tudo o que está acontecendo. E, indagados sobre o que se poderia fazer para solucionar a crise, 24% responderam que seria necessária a demissão dos ministros da área econômica, 47% aconselham a realização de eleições diretas para a Presidência da República e 15% foram mais adiante: para estes a crise só seria resolvida "com a derrubada do governo".

Assim se sentem os brasileiros diante da crise: amedrontados, inseguros, tristes e muitas vezes sem esperança. A leitura de alguns dos depoimentos extraídos dos 823 que foram coletados pelos repórteres de O Estado — e que serão publicados a partir de hoje — é apenas uma palida amostra deste preocupador estado de ânimo. E embora a sondagem feita pelo jornal revele um baixo índice de conformismo entre os entrevistados, um dado chama a atenção, pelo que tem de dramático e terrível: 82% deles acham, corretamente, que "é preciso trabalhar muito para superar a crise, mas o índice de desânimo e despotismo já chega a 15%". E este o percentual relativo aos que já desistiram de tudo e acham que "não vale mais a pena trabalhar; não adianta".

A série de reportagens sobre os brasileiros diante da crise, começa hoje, e é um trabalho realizado durante mais de três meses no final de 1983, pela rede de correspondentes e sucursais de O Estado de S. Paulo.

O BRASILEIRO DIANTE DA CRISE

Coordenação e texto final de LUIZ FERNANDO EMEIDATO

1